

RELAÇÃO DO SUJEITO COM A LINGUAGEM: A TEORIA E A PRÁTICA DA INDEXAÇÃO

Clarinda Rodrigues Lucas*
clarl@obelix.unicamp.br

INTRODUÇÃO

O sujeito faz a sua entrada no campo da reflexão sobre a linguagem em sua relação com as condições de produção. Ao interessar-se pelos interlocutores e pelo contexto de situação, a Análise do Discurso propõe que se considere a relação do sujeito com a linguagem como uma relação contraditória, em que há dupla determinação, do enunciado pelo sujeito e deste pela sua relação com a exterioridade, com seu contexto sócio-histórico. Para que seu discurso tenha *um* sentido, é preciso que ele *já* tenha sentido, isto é, o sujeito se inscreve (e inscreve seu dizer) em uma formação discursiva que se relaciona com outras formações discursivas (Orlandi, 1990).

Podemos afirmar que o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores, pensando o fato dos sentidos estarem relacionados aos textos e suas condições de produção (o sujeito, a instituição); às relações entre os diferentes textos; às relações do dizer com o que não é dito (Pêcheux, 1990). Resulta daí o caráter múltiplo e incompleto do sentido, jamais fechado e acabado. Sendo assim, o discurso é constituído pelo movimento das significações, da tensão entre a polissemia

(*) Pesquisadora e Bibliotecária da UNICAMP.

dos sentidos e a paráfrase (o mesmo), resultante da domesticação institucional da linguagem.

Em relação a esta concepção de linguagem e esta definição de discurso, há uma des-centração do sujeito, isto é, a Análise do Discurso “despossui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento de enunciados, de textos, cujas condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas” (Maingueneau, 1991). Além disso, como sabemos, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, sendo o sujeito cultural e historicamente constituído, determinado por processos históricos que produzem as formas de subjetividade, isto é, formas-sujeitos. Assim, é próprio de uma sociedade como a nossa que o sujeito seja capaz de autonomia e de responsabilidade, sofrendo as coerções exteriores de seu contexto histórico-social, ao mesmo tempo em que determina o que diz (Orlandi, 1990).

Interessa-nos aqui destacar a idéia de que um sujeito-em-si, fonte de sentidos, é uma ilusão, visto em nossa sociedade o sujeito ser contraditoriamente livre e disciplinado. Este sujeito se percebe como origem de seu discurso, e autônomo na escolha do que faz e do que não faz parte de seu discurso, constituindo o que Pêcheux (1988) chamou de “esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2”. A consequência teórica destes dois esquecimentos se constitui na concepção da não-transparência da linguagem - a não-transparência do sujeito e do sentido para a Análise do Discurso, permitindo-nos pensar o sujeito em suas diferentes formas sociais, históricas e culturais possíveis

O BIBLIOTECÁRIO ENQUANTO SUJEITO-LEITOR

O modo de pensar o sujeito e a subjetividade que acima expomos, permite-nos refletir sobre o Bibliotecário, sujeito leitor, enquanto indexador. Os recortes que vamos destacar procuram descrever a atividade de indexação - a análise documentária. Vamos privilegiar o texto de Kobashi (1994) pelo seu caráter exemplar na descrição do modo como as operações documentárias realizam-se no

âmbito de instituições informacionais (bibliotecas, centros de documentação, etc ...). Nele veremos que o Bibliotecário sobressai como um leitor guiado por uma metodologia de trabalho que subordina a sua leitura aos interesses institucionais, para que esta leitura vá de encontro aos usuários da instituição. Sabemos que as condições de produção, que afetam a leitura, vão além das que caracterizam a instituição propriamente dita. Kobashi realça que precedendo as operações propriamente documentárias ocorre uma análise rigorosa do contexto no qual se insere o sistema documentário. Sendo assim, é a partir de parâmetros institucionais identificados, que se fixa uma política global de tratamento e de recuperação de informações, apta a responder aos usuários prioritários do sistema.

A construção de representações através das palavras-chave, dos assuntos, que venham a identificar "o de que trata" o documento, é o objetivo principal da leitura do bibliotecário que indexa, e num modelo de leitura que seria a ideal, ela assim se dá:

"... as operações documentárias com conteúdos de textos partem do pressuposto de que é possível identificar a informação principal dos mesmos com o objetivo de construir representações que mantenham relação de semelhança com o original" (Kobashi, 1994).

"defini-se "a Análise Documentária como uma disciplina de natureza metodológica que se preocupa com o tratamento do conteúdo dos textos" (Kobashi, 1994).

Ao preocupar-se somente com o próprio texto, com seu conteúdo, este leitor ideal tem com o documento que indexa a mesma relação que era esperada dos leitores medievais da Sagrada Escritura: a proibição de interpretação, de reescritura, a restrição a Letra (Pêcheux, 1994). Ler neste sentido é receber o texto do outro sem marcar presença. Este leitor deve, para além disso, reproduzir os sentidos estabilizados nas linguagens documentárias. A leitura, como prevista nestes recortes, é assemelhada a uma passividade. Nesta divisão de trabalho de leitura os leitores são replicantes, exercendo suas atividades do mesmo modo que seus pares da Idade Média. Note-se, em vista do que acabamos de afirmar, o recorte abaixo:

"[...] a Análise Documentária, por outro lado, preocupa-se com a identificação da estrutura informacional dos textos, ou seja, com o próprio texto, a fim de elaborar representações condensadas que permitam ao leitor identificar o seu conteúdo informacional" (Kobashi, 1994).

A leitura do Bibliotecário, enquanto indexador, como estamos observando, deve ser neutra e objetiva. Os textos que analisamos consideram os sentidos em sua literalidade, isto é, acreditam que a língua reflete o pensamento com exatidão. Trabalham com a premissa dos textos serem claros e determinados, reduzindo-se a incerteza e a indeterminação que emanam da subjetividade do sujeito que lê, através de metodologias de tratamento dos textos. Afirmamos isso tendo em vista os recortes abaixo:

"(a Análise Documentária) não se preocupa com as condições sócio-históricas da produção discursiva, ao contrário, seus objetivos restringem-se, à identificação da base temática do texto" (Kobashi, 1994).

"... é preciso considerar que a noção de informação relevante de um texto varia de acordo com os objetivos que se persegue" (Kobashi, 1994).

"O objetivo específico das operações documentárias, ao analisar textos, é o de tratá-los para recuperá-los posteriormente. Desse modo, por meio das operações documentárias produzem-se diversas modalidades de representações condensadas, quer sob a forma de novos textos (resumos) ou de representações e elaboradas pela mediação de códigos de conversão ditos vocabulários controlados (índices, notações classificatórias)" (Kobashi, 1994).

A leitura a ser realizada pelos Bibliotecários, como demonstram estes fragmentos, deve ser balizada por regras, padrões, esquemas, enfim, pela utilização de estratégias de leitura pré-determinadas. O texto aqui é visto como autônomo e o levantamento dos seus possíveis sentidos é reduzido a mecanismos, estratégias de leitura; o texto é concebido como transparente, carregando consigo o seu código de interpretação, e o Bibliotecário é aquele leitor que sabe ler

sem interpretar, a sua subjetividade, se existe, prende-se à letra, e deve ser conduzida através de procedimentos técnicos que assegurem a atribuição de assuntos que representem o texto fielmente, sendo o imaginário do sujeito controlável. Observemos como objetividade e rigor estão no mesmo patamar, sendo subjetividade sinônimo de indeterminação.

“os trabalhos de indexação e de resumos, quando realizados sem a presença de um esquema que parametrize a coleta de dados textuais, normalmente resultam em produtos que não exibem as propriedades necessárias para as finalidades de recuperação da informação. As falhas têm origem, normalmente, na seleção incompleta ou equivocada de dados motivada pela utilização de estratégias de leitura inadequadas para os objetivos documentários” (Kobashi, 1994).

Quando se escreve “estratégias de leitura inadequadas” motivadoras de seleção equivocada ou incompleta” dos descritores que representam o texto, dá-se primazia a metodologias de leitura. Ignora-se que o sujeito-leitor ao identificar o tema principal de um texto atua com noções de valor - portanto afetado por seu contexto sócio-histórico, sua cultura. E isto com certeza irá interferir nos resultados de sua leitura. Este leitor que se faz presente para além do controle de estratégias de leitura.

Kobashi ao descrever a leitura documentária como distinção de informação essencial da acessória, de certa forma já explicita a presença deste sujeito. O que observamos, apoiados em exemplos que daremos mais adiante, é que esta leitura nem sempre está somente referida aos interesses dos leitores institucionais. No recorte que destacamos a seguir, podemos notar lugares em que a interpretação se faz presente na leitura do Bibliotecário: na passagem do texto a um enunciado que faça sua síntese e na sua posterior tradução para um descritor extraído de um vocabulário controlado:

“... considera-se a indexação como um processo que comporta duas etapas: a primeira, refere-se à análise e redução de um texto a um enunciado sintético, que reflita o tópico do discurso; a

segunda, envolve a tradução do enunciado para o léxico de um vocabulário controlado" (Kobashi, 1994).

Quando se consideram os sentidos transparentes, apaga-se o seu caráter material, a sua historicidade. Os sentidos, quando apreendidos como literais, aparecem como claros, evidentes, independentes de seu uso em qualquer contexto. Por outro lado, numa análise em que a ideologia é levada em conta, como na Análise do Discurso, a literalidade aparece como produzida em um processo em que as instituições (legitimadoras) e a história (cristalização, permanência de interpretação) desempenham papel determinante: os sentidos são produtos da história, efeitos de discurso.

Observemos como estas questões se manifestam nos assuntos atribuídos para o título "A guerra dos meninos: assassinato de menores no Brasil" de Gilberto Dimenstein, observados na Base de Dados em cd-rom UNIBIBLI que reúne os acervos das bibliotecas da USP, UNICAMP e UNESP:

Indexação 1: Menores abandonados -Brasil
 Crianças- Brasil. Maus tratos
 Crianças maltratadas- Brasil
 Assassinato -Brasil

Indexação 2: Saúde da criança

Indexação 3: Criança (Sociologia)
 Menor (Sociologia)
 Violência (Sociologia)

Indexador 4: Menores infratores /Delinqüência juvenil

Indexador 5: História do Brasil - Sociedade (Assistência)
 Menores infratores/ Delinqüência juvenil

Ressaltamos que os descritores "Menores abandonados", "Crianças maltratadas", "Crianças - Brasil - Maus tratos", "Assassinato - Brasil" selecionados pelo indexador número 1, destinam um sentido para a obra de Gilberto Dimenstein diametralmente oposto aos descritores selecionados pelos indexadores números 4 e 5, "menores

infratores” e “delinqüência juvenil”. Nestes descritores, os menores (classificação jurídica) são infratores e delinqüentes, já o fato de serem abandonados e vítimas de violência e maus tratos não foi anotado como representativo para esta obra. O indexador número 2 realçou o aspecto saúde da criança, omitindo que são menores abandonados, sejam delinqüentes ou não. Os assuntos escolhidos pelo indexador número 3 são genéricos - não caracterizam a criança, não caracterizam o menor (se é abandonado ou não) , não caracterizam contra quem é a violência.

A partir deste exemplo, verificamos que o Bibliotecário, apesar de saber bem a distinção entre um menor abandonado e um delinqüente juvenil, atuou como intérprete, dentro de suas condições de produção específicas, dentro de sua formação discursiva, enfim, como um sujeito com todas as implicações inerentes a isto - a sua ideologia, a sua subjetividade.

O modo como os indexadores realmente exercem suas atividades é descrito no trecho abaixo (Oliver, citado por Lancaster, 1993):

“O maior grupo de indexadores afirmou que examina rotineiramente o documento inteiro. Esses indexadores, entretanto, salientaram que certas partes do documento eram examinadas mais atentamente do que outras. Essas partes incluíam o resumo, a introdução, o resumo do autor, as conclusões, a metodologia, os resultados, tabelas e gráficos. Se uma ou mais de uma dessas seções ‘condensadas’ fosse considerada adequada pelo indexador, ele poderia examinar de relance ou simplesmente ‘folhear’ outras partes do documento. Os principais motivos apresentados para examinar o corpo do documento foram para constatar se alguma coisa passara despercebida, oferecer maior profundidade da indexação, e dirimir quaisquer dúvidas ou questões”.

Este texto ilustra com fidelidade a leitura do Bibliotecário, descrevendo-a em detalhe. Na etimologia da palavra exame está o ato de ponderar, pesar, analisar atenta e minuciosamente. O leitor que emerge do recorte anterior, se assemelha a um investigador, quase um

ensor. Não podemos nos esquecer que indexar esta ligado a index: o Catálogo dos livros cuja leitura era proibida pela Igreja. O leitor-indexador, ao nomear os descritores, intervém de forma determinada no discurso original, resultando em disciplinarização, institucionalização de perspectivas de leitura.

No quadro do discurso da indexação, a leitura obedece a regras, e a observação dessas regras objetiva configurá-la como científica. Vejamos o que escreve Lancaster (1993) ao identificar duas regras fundamentais da indexação:

"1. inclua todos os tópicos reconhecidamente de interesse para os usuários do serviço de informação, que sejam tratados substantivamente no documento.

2. Indexe cada um desses tópicos tão especificamente quanto o permita o vocabulário do sistema e o justifique as necessidades ou interesses dos usuários".

A maneira como este autor se refere ao ato de indexar, no imperativo, denota bem a relação deste leitor com o seu objeto de leitura: de novo ele se assemelha a um censor, quase uma máquina de leitura. O documento é tratado como algo isolado, visto à parte, e com o qual o leitor não deve ter intimidades, o seu contato com o texto deve ser estritamente profissional, sendo o documento o seu objeto de trabalho cotidiano. As regras denotam posições de leitura bem demarcadas, mantendo livro e leitor em seus devidos lugares. Leitura aqui não é um ato de apropriação.

A concordância entre indexadores, para nós a univocidade da leitura, é tratada por Lancaster (1993) como coerência da indexação, anotando os seguintes fatores como capazes de influência-la:

1. quantidade de termos atribuídos;
2. vocabulário controlado versus indexação com termos livres;
3. tamanho e especificidade do vocabulário;
4. características do conteúdo temático e sua terminologia;
5. fatores dependentes do indexador;

6. instrumentos de auxílio com que conta o indexador;

7. extensão do item a ser indexado.

Podemos observar pelos itens que se referem ao vocabulário controlado o poder que eles têm em circunscrever as possibilidades de interpretação do indexador: a quantidade de palavras que compõem o vocabulário; o fato do indexador ter um vocabulário livre ou controlado, dando-lhe mais ou menos liberdade enquanto intérprete; o fato deste vocabulário ser genérico ou específico, contribuindo para a riqueza ou pobreza de sua indexação. Estamos vendo que ao se definir o modo de leitura do Bibliotecário, vão se definindo os seus limites, estabelecendo-se contornos e sentidos à sua leitura.

Lembramo-nos da Novilíngua descrita por um personagem de George Orwell em seu romance "1984": *"Estamos dando à língua a sua forma final - a forma que terá quando ninguém mais falar outra coisa. Quando tivermos terminado, gente como tu terá que aprendê-la de novo. Tenho a impressão de que imaginas que o nosso trabalho consiste principalmente em inventar novas palavras. Nada disso ! Estamos destruindo palavras - às dezenas, às centenas todos os dias. Estamos reduzindo a língua à expressão mais simples"*.

O controle das palavras que compõem um vocabulário, a terminologia de uma área, como já dissemos anteriormente são resultado de relações de poder, de institucionalização de sentidos. Quando contrapomos a Novilíngua de Orwell às regras de leitura do Bibliotecário, os vocabulários controlados, podemos compreender o fato dos sentidos serem fixados historicamente em uma direção determinada. Sabemos que no processo que chamamos "ideologia" o desconhecimento dos sentidos não se produzem por "engano", por "ocultação" de sentidos, mas sim por um desconhecimento produzido por processos discursivos (históricos), que são observáveis na materialidade lingüística. Esse modo de ver a fixação dos sentidos permite-nos compreender que a história se define em relação ao poder.

Gostaríamos de abordar, nesta linha de raciocínio um outro aspecto abordado por Lancaster: o das diferentes matizes de significado que um vocabulário possa expressar, e que ele aponta como

dificultadores da coerência dos tópicos utilizados pelo indexador. Estudo citado por Lancaster (1993) com vocabulários de diferentes tipos (cabecinhos de assunto, tesouro, esquemas de classificação) chegou à seguinte conclusão:

“a coerência interindexadores melhora significativamente com a utilização de instrumentos de indexação prescritivos que contenham um mínimo de relações semânticas variáveis entre os termos. O emprego de instrumentos de indexação que ampliem a liberdade semântica do indexador, no que concerne a escolha dos termos, é prejudicial à confiabilidade da indexação. A qualidade da indexação tem muito a ganhar com vocabulários que formalizem as relações de modo a prescrever uniforme e invariavelmente a escolha dos termos de indexação”.

Este enunciado é bastante produtivo para o aspecto que estamos enfatizando: o autor explicita claramente que a ampliação da liberdade semântica do indexador é prejudicial à confiabilidade da indexação e indica o controle do vocabulário como forma de formalizar e uniformizar a escolha dos termos de indexação. O que Lancaster está indicando é a necessidade de apagamento do sujeito-leitor, da sua posição de intérprete. Prescrever a leitura através de instrumentos de indexação que reduzam, minimizem as possibilidades de escolha de descritores, logo de produção de sentidos, de leituras plurais é o ideal deste modelo de indexação.

Dando continuidade a seu texto, Lancaster anota os fatores da indexação que dependem do indexador como indivíduo, acentuando que indexadores com formação similar (educação, experiência e interesses) têm mais probabilidade em concordar com o que deve ser indexado do que indexadores com formação diferente. Como solução, propõe que os indexadores participem do mesmo programa *rigoroso* de treinamento, para “reduzir a importância da formação anterior como fator que influencia a coerência”. Outro fator relativo ao indexador é o nível de conhecimento da matéria - o conteúdo temático do documento a ser indexado. Para Lancaster, é mais importante o indexador

conhecer minuciosamente as necessidades e interesses dos usuários da biblioteca do que ter um conhecimento especializado do acervo.

Do que foi exposto temos a realçar o quanto é desejável a uniformidade, a leitura objetiva, o desejo de fechamento, de ausência de exploração ou produção de sentidos. O leitor idealizado deve até ser submetido a treinamentos que apaguem a sua memória de experiências anteriores. Não precisa nem saber em detalhe o que está indexando, o que pode até ser prejudicial a seu trabalho, segundo Lancaster. Que leitor é este?

Examinando os assuntos selecionados para o título "Fazer dizer, querer dizer", de Claudine Haroche podemos perceber o quanto a formação do Bibliotecário é importante, direcionando a sua leitura para fins de indexação:

Indexador 1. linguagem

Indexador 2. gramática comparada e geral- Determinação ambigüidade

Indexador 3. língua francesa - subordinação
língua francesa - sujeito e predicado
língua francesa - aspectos sociais
filosofia da linguagem ordinária

Podemos notar que os Bibliotecários da Biblioteca Nacional da França (Indexação 3) e da Oxford Library (Indexação 2) selecionaram para a obra de Claudine Haroche aspectos específicos da língua, com abordagens gramaticais, sociais e filosóficas, segundo a Biblioteca Nacional da França, e aspectos específicos da gramática (determinação e ambigüidade) ressaltados pelos indexadores da Oxford Library. O indexador 1, da base de dados UNIBIBLI apontou o assunto "linguagem", bastante genérico. Cumpre-nos observar que os assuntos selecionados pelos outros dois indexadores também constam do vocabulário utilizado pelo indexador da base de dados UNIBIBLI. Podemos tentar explicar as razões do indexador desta base ter-se

restringido a um termo tão amplo através de suposições: falta de conhecimento especializado, desconhecimento da área, exigüidade de tempo para leitura, dentre outras possibilidades.

Constatamos com este exemplo que se o Bibliotecário não domina a terminologia de uma determinada disciplina e por conseguinte não entende o que lê, não consegue estabelecer relações entre o texto que têm a sua frente e o vocabulário do qual as palavras devem ser retiradas. Este leitor não consegue compreender o sentido dos textos que analisa. O fragmento de Lancaster (1993) que destacamos a seguir, detalha este aspecto e traz observações interessantes:

“Os indexadores devem ter algum conhecimento do conteúdo temático tratado e entender sua terminologia, embora não precisem necessariamente ser especialistas no assunto. Na realidade, algumas instituições têm enfrentado problemas com indexadores que são ‘especialistas’ demais, pois sua tendência é interpretar excessivamente e talvez extrapolar aquilo que o autor afirma [...] ou mesmo mostrar preconceitos ao não indexar informações que relutem em aceitar. A falta de conhecimento do assunto pode, contudo, levar à indexação excessiva. Incapaz de distinguir entre dois termos, o indexador talvez atribua ambos quando apenas um seria necessário ou apenas um seria correto”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as análises que realizamos, confrontando a teoria da indexação e os resultados desta prática, observamos que a exigência de transparência e não ambigüidade na atribuição dos descritores proposta pelas metodologias da leitura para fins de indexação, o almejado controle a interpretação não dá conta da subjetividade inerente ao sujeito leitor. Outro dado relevante no tocante ao uso de terminologias é a ilusão de que a língua possa ser “a vestimenta bem ajustada do pensamento que permite apreender a idéia sem a menor dificuldade” Orlandi (1987). Constatamos que, para

além da ilusão de transparência, emerge, quando menos se espera, o deslize, o equívoco e a ambigüidade da língua. Muitas leituras são previsíveis para um texto e os leitores tem suas próprias histórias de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOBASHI, Nair Yumiko. **Elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia**. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da USP, 1994. (tese de doutorado)
- LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. **L'analyse du discours**. Paris: Hachette, 1991
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista !: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo:Cortez; Campinas:Editora da UNICAMP, 1990.
- _____. Ilusões da/na linguagem. In: **Foucault vivo** (Italo Tronca, Org.) . Campinas: Pontes, 1987
- _____. Dispositivos da interpretação. In: Orlandi, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **O discurso e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 1990
- _____. Ler o arquivo hoje. In: **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.